

**TEM QUE CORRER, TEM QUE MALHAR'<sup>1</sup> : Uma Reflexão Sobre O Culto Ao Corpo Na Contemporaneidade**

**Marta Simões Peres<sup>2</sup>**

**Resumo:** A busca de compreender porque o corpo se tornou tão importante nas sociedades ocidentais contemporâneas motivou as reflexões levantadas neste ensaio. Dividido em três partes, inicia colocando a questão 'o que é o corpo?', e mergulhando nos primórdios do ocidente, passando pela etnologia dos 'diferentes' de nós até a proliferação recente de estudos sobre o tema. Em seguida, descreve um quadro do corpo 'hoje', apresentando sentimentos de insatisfação e 'lipofobia' vigentes, e do 'ontem', por meio de uma abordagem histórica de um tipo de cultura corporal hegemônica, baseada no exercício, sem deixar de mencionar outras possibilidades para um corpo prazeroso e criativo.

**Palavras-chave:** Culto ao corpo. Práticas corporais. Contemporaneidade, Ciências sociais.

***YOU MUST RUN, YOU MUST WORK OUT: A REFLECTION ABOUT BODY WORSHIP IN CONTEMPORARY TIMES***

**Abstract:** This paper presents a search for understanding why body became such a relevant subject among contemporary western societies. In three sections, it begins putting the question 'what is the body?' and travels to the ancient western, the beginning of ethnology until the recent increase of studies about body. It describes what we have called the 'today' and the 'yesterday' bodies - presenting its correlated feelings of unsatisfaction and lipophobia, a historical approach of a hegemonic body culture based on exercise also pointing out other pleasure and creative practices.

**Key-words:** body worship, body practices, contemporary times, social sciences

O CORPO: Em Busca De Uma Teoria...

*'Depois arregaçou as mangas e pôs-se a lavar a coberta. Quando acabou a dura tarefa, foi abrir o paiol das velas e procedeu a um exame minucioso do estado das costuras, depois de tanto tempo sem irem ao mar e sem terem de suportar os esticões saudáveis do vento. As velas são os músculos do barco, basta ver como incham quando se*

<sup>1</sup> 'Estrelar', canção de Marcos e Paulo Sérgio Valle.

<sup>2</sup> Doutora em Sociologia com pós-doutorado em Antropologia

*esforçam, mas, e isso mesmo sucede aos músculos, se não se lhes dá uso regularmente, abrandam, amolecem, perdem nervo, E as costuras são como os nervos das velas, pensou a mulher da limpeza, contente por estar a aprender tão depressa a arte da marinharia.’ José Saramago*

‘O que é o corpo humano?’. Que campo do saber estaria autorizado a tocar em matéria tão sagrada e tão profana? Anatomistas, médicos, enfermeiros, nutricionistas, fisioterapeutas, professores de educação física, de dança, de artes marciais, fotógrafos, produtores de moda, editores de revistas, psicólogos, historiadores, sociólogos, antropólogos... Assistimos há décadas a batalhas entre categorias e conselhos profissionais, agarrando com furor partes do ser humano que supostamente lhe pertencem, a fim de delimitar parcelas no mercado de trabalho. Parecem se esquecer da parábola de Salomão às duas mães ante o iminente esquiteamento de uma criança disputada. Por isso, de saída, concebe-se o corpo enquanto um tema transdisciplinar.

‘Se ele já está lá, anterior a tudo’, como inventar o corpo? Pré-requisito indispensável a toda experiência humana, ‘para se inventar qualquer coisa, é preciso primeiro ter um corpo’ (Descamps, 1986:9). Não há dúvidas de que nele estamos, numa anterioridade primordial, pois estar vivo é possuir um corpo capaz de se mover e realizar funções vitais - batimentos cardíacos, assimilação dos alimentos, passagem de energia eletroquímica pelas células nervosas: ‘E também sentir, agir, falar, pensar...’ (Lévine & Touboul, 2002:11). Porém, não existe um, mas infinitos corpos, e infinitamente variadas maneiras de com ele lidar, em dadas configurações histórico-sociais. Como as velas do navio, o corpo possui músculos, que acionam as alavancas cujas barras rígidas são os ossos e os fulcros, as articulações. Apesar de ‘limitado’ às possibilidades de um aparato ósteo-articular ‘quase’ universalmente semelhante, como variam as qualidades do movimento! Possui também nervos, pele, gordura, vísceras, cabelos, pêlos... além dos implantes, dietas, tratamentos, atividades, cosméticos, próteses eletrônicas, celulares... e tudo o mais que a ele – seria simplista chamar apenas de ‘artificialmente’? – se acopla.

Por todo lado, nos espelhos, seu reflexo nos ‘belisca’, recordando a condição corpórea. Ao espelho, indaga a ‘madrasta-má’, ‘existe alguém mais bonita do que eu?’, e foi no espelho d’água que Narciso se viu e morreu, e onde a Moura Torta se enraiveceu. Seria um espelho, a privacidade do encontro com o psicanalista...? Mas nem sempre houve espelhos, e nem sempre fomos indivíduos: este é um tipo de percepção localizada, não-universal e até recente, na história da humanidade, submetida a mudanças, crises. Para descrever esta noção, Norbert Elias utiliza a imagem de um intransponível muro que separa nosso ser de tudo o mais, os outros e mundo exterior. Seria o muro da canção de *Pink Floyd* ‘another brick in the wall’...?

A beleza tão cobiçada já foi diferente do anúncio de cosméticos, telefonia, plano de saúde,  
Rev. ARQUIVOS em Movimento, Rio de Janeiro, v.7, n.2, p.97-118, jul./dez.2011 98

no *outdoor* gigante da fachada do edifício. A antropologia ensina que a maneira como vivemos e lidamos com o corpo é *uma* dentre incontáveis outras. Nem sempre foi tão estarrecedor o pânico de envelhecer e ... morrer. Se as atuais sensibilidades auditiva, tátil, gustativa, olfativa, visual, possuem uma significação temporalmente adquirida, daí a importância de olhar para trás, e compreender a historicidade desta aparentemente tão óbvia existência, e perceber que os cuidados e a perfeição do corpo variam de determinado tempo e lugar para outros (Rodrigues,1999:16). Avanços tecnológicos trouxeram as telecomunicações em tempo real, imagens holográficas prescindem da presença, cadáveres congelados aguardam sua ressurreição, e o corpo - fardo ultrapassado? - sofre intervenções invasivas. Como falar em 'ser' em meio a identidades fluidas e mutantes? Existem 'essências' ante todos esses aspectos socialmente construídos? Mas não se constrói sobre o vazio, algum corpo deve existir de antemão... O homem é um produto do meio, o meio é produto do homem ... Quem nasceu primeiro, o ovo ou a galinha?

A questão do corpo radicaliza a condição do cientista social que não pode ignorar que seu objeto de estudo, como ele mesmo, é um sujeito, em sociedade: esta proximidade exige certos cuidados metodológicos. Vislumbram-se aí pontos em comum entre ciências sociais e dança, arte em que criador, instrumento e obra reúnem-se num só movimento. Por outro lado, pela condição teórica, o cientista ocupa uma posição antagônica ao artista. Recordando os antigos gregos, 'teoria' e 'teatro' possuem a mesma origem etimológica (V a.C.) e, mais que uma faculdade humana, seu advento corresponde a uma ruptura de paradigma: em grego, *theoreîn* significa 'assistir a um espetáculo', *theorikós* quer dizer 'espectador', e *Theórema*, 'objeto de estudo, espetáculo, festa, algo digno de ser visto, que deve ser, portanto, belo' (Veiga,1999:23-7). Como recorda Gilberto Gil, teoria é ver-de-fora, admirar, `em grego quer dizer o ser em contemplação. O teórico relaciona-se à audiência, e não à atuação, no palco, como fazem os `coreutas` – membro do coro, simultaneamente bailarino, ator, cantor, origem da palavra `coreografia`. A arquitetura da tragédia grega evidencia a transição e ruptura ontológica entre o ritual – culto agrário sagrado dionisíaco, em que confundiam-se atores e platéia - e o estabelecimento do teatro, trazendo consigo uma revolução radical no conceito de mundo, com reflexos na arte, na política e no pensamento filosófico. Quando se tornam excludentes – simplesmente participar, ou não, ora se apresentar ora assistir – entre a imersão no acontecimento e a contemplação de um espetáculo pela platéia, existe uma diferença qualitativa de atitude humana, 'uma gradual passagem de um ato de fé para um ato contemplativo ou teórico', relacionado ao surgimento da atividade teórica e da filosofia (Veiga, 1999:13-4). Saltando mais de dois milênios, uma divisão semelhante presta-se à ciência moderna, onde as funções de sujeito-cientista- pesquisador e objeto-a-ser-pesquisado configuram o prumo da racionalidade ocidental. O *cogito* cartesiano e as revoluções científicas dos séculos XVII e XVIII constituíram o solo para a

modernidade da razão. Na trajetória de Ulisses, o instante em que tapa os ouvidos e se amarra aos mastros do navio para não ser seduzido pelas sereias, a relação direta até então existente entre o homem e a natureza teria se perdido. Na fratura entre os registros do sujeito e do mundo, instaurando-se decisivamente o domínio deste por aquele, identifica-se a fundação mítica do Ocidente. Com este gesto do herói, algo de crucial da condição do homem se perdia: mumificada a sensualidade, delinea-se o domínio hegemônico da razão sobre a natureza. A totalidade da tradição metafísica ocidental inscreve-se nessa fenda ontológica incontornável e abissal sobre a qual se constituíram o platonismo e o cristianismo. O que existia de natureza no homem – e o que seria isso senão seu próprio corpo? - foi então sendo progressivamente considerado como estrangeiro (Birman *in* Menegat,2003:14).

No século XV, início da era da técnica, Deus passa a ser concebido como um relojoeiro que teria criado Natureza e mundo (Sibilia:2002,67). A partir de então, desde Descartes e os ‘iatrofísicos’<sup>3</sup>, constitui-se uma visão do corpo que acabou resultando no ‘Homem-Máquina’<sup>4</sup> de Helvetius (Descamps,1986:177). Concebido como um objeto mecânico, o corpo-máquina foi dissecado pelo trabalho dos primeiros anatomistas. Sem as conotações do sagrado, o saber científico arrancou-o do homem vivo, escolhendo o cadáver como seu modelo e objeto<sup>5</sup>, violentado pelos instrumentos cortantes da medicina. ‘No vigor da renascença, a anatomia estática se sobrepôs à fisiologia, congelando a vida do organismo para poder explicar suas engrenagens’ (Sibilia,2002:68). Não há como negar, contudo, a importância das pesquisas desenvolvidas sob este paradigma para o avanço da medicina, pois foi assim que começaram a se tornar conhecidas ‘as funções relativas aos ossos, aos músculos, aos nervos e ao cérebro’ (Teixeira,1998:24).

A etnologia viria a inaugurar uma ciência integral do corpo humano, pois teria sido a primeira a não mais se ocupar do cadáver ou da máquina, mas sim do corpo ‘vivo’, situado no amplo contexto da sociedade e do mundo (Descamps,1986:31). Representam marcos a ‘História Natural do Homem’, de Buffon, a ‘Etnopsicologia’, de Pritchard, de 1813, as descobertas de Broca sobre a morfologia do cérebro e, enfim, já no século XX, Marcel Mauss, que definiu as ‘técnicas corporais’ como ‘a arte de utilizar o corpo ou a maneira pela qual os homens, de uma sociedade a outra, de modo tradicional, sabem se servir de seus corpos’(Mauss,1974:217). Por meio desta expressão, o autor chamou a atenção para a urgente necessidade de retirar os estudos acerca do ‘corpo’ do ‘terreno baldio’ rotulado sob o título de ‘diversos’ – apontando nele ‘o primeiro e mais

3 Escola italiana do século XVII que preconizava bases físicas, mecânicas, para a teoria e prática médicas’ (Ferreira, 1999:1067).

4 Rouanet atribui a origem da expressão ao livro em que o médico La Mettrie teria radicalizado as idéias de seu contemporâneo Descartes (Rouanet,2003:37).

5 Embora existam termos diferentes, para designar corpo, quando vivo, e cadáver, quando está morto (Descamps:11), em muitos idiomas, inclusive o inglês e o português, são sinônimos, sob uma perspectiva ‘anatômica’ do corpo.

natural instrumento, ou objeto e meio técnico, do homem' (Mauss,1974:217).

Se é tão desafiador ao pensamento tocar na fronteira desse 'entre-dois' que é o corpo, restamos a possibilidade de apreender o corpo 'do outro' (Lévine e Touboul, 2002:22). Daí a descoberta do corpo pela etnologia ter trazido o corpo dos 'outros' e não o(s) seu(s). Desde Heródoto, descreveu-se o corpo do 'homem diferente', os corpos dos gigantes, dos anões (os pigmeus), dos negros, dos amarelos, dos vermelhos. Os monstros medievais eram figuras delirantes, assim como os 'estrangeiros', pela descrição dos primeiros viajantes<sup>6</sup>. As narrações começaram a se 'humanizar' a partir das Grandes Navegações – Diaz, Vasco da Gama, Colombo, Magalhães - e dos jesuítas. O corpo era visto de maneira tão diferente por ocidentais e sociedades tradicionais que o início da etnologia foi basicamente centrado no corpo. A principal contribuição da primeira etnografia seria a descoberta das 'civilizações do corpo', em relatos que concordavam que o corpo, nessas culturas, era 'muito mais importante' do que na ocidental (Descamps, 1986:30).

Contudo, deve-se tomar cuidado para não cair precipitadamente na conclusão de que aquelas culturas se inscreveriam no corpo, 'como se o mesmo não nos acontecesse'. Enquanto, naquelas, o fascínio seria explícito – tornando-se até 'objeto culinário' para os canibais - tanto entre judaico-cristãos quanto islâmicos desenvolveu-se um 'tabu do corpo' sem precedentes (Descamps,1986:17). Objeto de tentação, morada da sexualidade e do pecado, o corpo deveria ser coberto e tanto do seu quanto do outro se deveria manter distância. Uma excitante diferença que atraiu os primeiros etnólogos seria, enquanto afirmamos que 'possuímos' um corpo, os nativos com que se depararam simplesmente 'são' seus corpos. Afinal, 'possuímos' ou 'somos' um corpo? Como possuir algo que de si não se pode destacar?

Ao afirmar que 'todo homem é o seu corpo', Entralgo recusa a concepção dualista que separa o homem em corpo e alma (Jana,1995:13). Inúmeros autores, de uma perspectiva fenomenológica, identificam a condição cindida de corpo - material, físico, vivo, porém, não necessariamente *vivenciado, experienciado* – na herança de Platão, de Descartes, dentre outros que promoveram a separação entre corpo e alma, objetividade e subjetividade. Ao mesmo tempo em que nos 'confundimos e nos misturamos com nosso próprio corpo', em suas 'Meditações Metafísicas', Descartes afirma que ele permanece um estrangeiro: a evidência silenciosa do corpo se cobre de opacidade quando dele se deseja aproximar. Surge um primeiro paradoxo, um fingimento expresso na dificuldade de se apreender enquanto corpo, já que nos concebemos imediatamente como sujeitos pensantes. Prova desse estranhamento é que uma reação corporal fisiológica e involuntária -

---

6 Carpin, em 1245, e Rubriquis, em 1253, descreveram os estrangeiros como homens com escamas de peixe, acéfalos com rostos sobre o peito, cíclopes e homens de duas cabeças. Marco Polo relatou a existência de seres de um pé só, com cara de cachorro, com caudas longas e, ainda, nus, que se banhavam duas vezes por dia (esses últimos se parecem conosco, brasileiros!)(Descamps, 1986:30).

tal como um ataque devido a um derrame cerebral – seja considerada, em geral, muito mais ‘indecente’ do que o ato voluntário de soltar a voz aos berros: o componente de incontável desencadeia de uma forma de selvageria que a civilização se esforça por abafar, embora a condição de velhice faça, inexoravelmente, murchar essa espécie de orgulho civilizado (Lévine e Touboul, 2002:12). Ouvidos tapados, o canto da sereia insiste em seduzir Ulisses...

Embora no Ocidente, ‘por muito tempo, não se tenha falado do corpo a não ser enquanto um conceito’(Descamps,1986:9), o aparente ‘silêncio’ e a necessidade de escondê-lo são as maiores provas de sua importância. Apesar de todo o aparato para cultuá-lo – cirurgias, produtos, dietas, atividades físicas – a contemporaneidade não tem a exclusividade de lhe dedicar um lugar de destaque. Mais que um conceito ou tema literário, ele sempre esteve presente, pois todas as sociedades construíram saberes do corpo, conceitos de beleza, cuidados com a saúde. Isso, sem falar no leque de proibições, prescrições e tabus de cada época, extensivamente analisados por Foucault, que se debruçou sobre a temática do adestramento corporal, da sexualidade e das instituições penais (Foucault, 1986). Ao analisar o processo pelo qual as sociedades disciplinares conformavam os corpos em dóceis e úteis, um dos pontos mais ricos de sua obra reside no fato de ter mostrado que isso ocorre de modo muito mais complexo que pro um único vetor, refutando o que denominou ‘hipótese repressiva’ (Foucault, 1985).

De um modo ou de outro, sem ignorar seus componentes genéticos, o fato é que todos os corpos são construídos socialmente - o corpo anatômico, o erótico, o nativo de outra ou de nossa cultura, a bailarina, o atleta, o presidiário, o ‘marombeiro’, ‘a turbinada’, o ‘tatuado’... No entanto, a maneira como se dá essa construção varia imensamente, entre os indivíduos de uma mesma cultura e de uma para outra:

“‘Aprendemos’ o corpo, do mesmo modo que aprendemos a ler. Possuímos o corpo de uma respectiva classe econômica e social, pois o corpo não faz nada além de traduzir os fantasmas pessoais, além de repercutir os mitos coletivos. Isso faz com que o biológico se torne uma metáfora da realidade sócio-política. Não somente os mitos que perseguem uma dada sociedade nele encarnam, mas o próprio corpo atinge o mito. O corpo é o símbolo de que faz uso uma sociedade para falar de seus mitos” (Descamps,1986:180).

As sociedades industriais e pós-industriais engendraram uma cultura do corpo muito própria. A partir dos anos 1980, proliferaram estudos acerca do tema. Não se pode ignorar, nessa tendência, um eco dos movimentos contestatórios agrupados sob o rótulo de ‘contracultura’, eclodidos ao longo das décadas de 1960 e 70. Pregando a liberdade, a autonomia, enfim, sua reapropriação<sup>7</sup>,

---

7 Tema popular nos estudos culturais dos Estados Unidos, não o pedaço de matéria que adoece e morre, mas sim ‘o corpo plástico, remodelável, socialmente construído’, em 1995, o lançamento da revista ‘*Body and Society*’, organizada por Featherstone e Turner, Rev. ARQUIVOS em Movimento, Rio de Janeiro, v.7, n.2, p.97-118, jul./dez.2011 102

estes traziam à tona a oposição entre um corpo-objeto e um corpo-sujeito, opondo-se às amarras impostas pelo *Establishment* e sua matriz platônico-cristã-cartesiana. Esses estudos, influenciados pela época, entretanto, perderam alguns dos valores libertários reivindicados anteriormente.

Descamps compara a 'invenção do corpo' no século XX - como objeto de estudo geral das ciências humanas, fora da biologia, da fisiologia e da medicina - ao que dizia Rougement a respeito da 'invenção do amor', entre os trovadores do século XIII: 'é como a (invenção) de um tesouro, sendo seu inventor nada além daquele que traz à luz do dia um objeto desconhecido que, escondido, já estava lá, porém em seu esconderijo'. Com ironia, relata que o tema está tão 'na moda' na França que os editores chegam a utilizar a palavra 'corpo' nos títulos simplesmente para que seus livros vendam mais (*op.cit*,1986:9)! E lança a indagação: 'resta saber, depois, por que nossa sociedade inventou o corpo no século XX e o que lhe aconteceu em seguida. O que ela vai fazer desse corpo que adquiriu tanta importância?' (Descamps,1986:10-3).

## INSTANTÂNEOS DE HOJE

'Não se comenta outra coisa a não ser se 'fulano' engordou ou emagreceu: 'as pessoas tratam umas às outras como se estivessem em um *abatedouro*' (Suzana,40 anos)<sup>8</sup>.

A temática do corpo cerca desde conversas corriqueiras até o *out-door* que anuncia uma empresa de telefonia fixa<sup>9</sup>. Se não existe um ser humano genérico, diferentes maneiras de lidar com o corpo refletem respectivas configurações histórico-sociais. É pincelado aqui um quadro geral da questão, tomando como referência a hipótese da 'construção social do corpo'. De que corpo estamos falando hoje, 'que corpo é esse' ? (Vilaça e Góes, 1999) Os questionamentos servem como ponto de partida para indagar o motivo das pessoas se relacionando com seus corpos desta, e não de outra maneira e buscar responder, a partir de elementos tais como a preocupação excessiva, a insatisfação frequente, sua proliferação nos meios de comunicação, o estabelecimento de um e não outro padrão de beleza e a consequente multiplicação das práticas de construção do corpo.

A expressão 'cultura somática' aponta a relevância assumida pelo corpo, tornado signo emblemático da suposta crise do sujeito contemporâneo. Se ele sempre foi importante, o que existe de especial num tipo de relação com o corpo na atual sociedade ocidental e na brasileira? À pergunta 'por que se tornou tão importante', acrescenta-se: 'por que *este* corpo, magro e musculoso?'. A fórmula frequentemente prescrita pelos professores de Educação Física nas academias consiste em exercícios que visam perder gordura, aumentar massa muscular e pode ser

---

reflete o crescente interesse pelo assunto, debatendo feminismo, tecnologia, ecologia, pós-modernismo, medicina, ética e consumismo e, no Brasil, destaca-se 'Nu e Vestido', de Mirian Goldenberg (2004).

8 Entrevista concedida durante pesquisa de campo durante doutorado (Peres, 2005).

9 Este texto de publicidade em *out-door* - 'tem gente que tem coragem de mudar o corpo e não tem de mudar o telefone fixo' - é apresentado com uma foto do colo de um corpo feminino, com um decote que insinua um implante de silicone.

considerada uma reação à obesidade e à debilidade do estilo de vida sedentário de um indivíduo urbano ocidental, relacionando-se a padrões de beleza socialmente instituídos e avidamente perseguidos. A forma do corpo, em síntese, seria resultado de relações entre um ‘corpo dado’ genotipicamente e as afecções externas por ele sofridas. As últimas podem consistir em intervenções deliberadas, como cirurgias estéticas, ou estar tão arraigadas ao estilo de vida – alimentação, gasto energético ... – que passam despercebidas. Além disso, existem seqüelas irreversíveis, de acidentes, por exemplo, indissociáveis do determinado contexto histórico- cultura. As chamadas ‘pessoas com deficiência’ colocam em xeque a idéia de corpo natural, pois têm sua sobrevivência garantida com seqüelas graves a partir dos avanços da tecnologia médica<sup>10</sup>. Como conceber, então, todos esses corpos, com base na idéia de ‘natureza’?

Inevitavelmente, atentando-se para a complexidade e dificuldade de discriminar onde termina e começa cada domínio, a idéia de ‘construção do corpo’ reside no sutil emaranhamento entre os aspectos biológicos e sociais. Daí a necessidade de desconfiar da dicotomia entre um corpo supostamente ‘natural’ e outro artificial. Em 2001, a título de exemplo, a divulgação de que a ‘Miss Brasil’ havia realizado implantes de silicone e cirurgias plásticas, levou o público a questionar o merecimento do título<sup>11</sup> e a dela exigir atributos da ‘beleza natural feminina’ (Sibilia,2002:64). Mas o que seriam esses atributos? Se existisse, um corpo natural seria admirado? O corpo esculpido seria mais artificial do o ‘sarado’<sup>12</sup> em sofisticados equipamentos e por anabolizantes? E o corpo do anoréxico ou o do obeso, em sua relação desproporcional entre alimentação e gasto energético?

Na ‘modernidade tardia’, ante tamanho entrelaçamento entre partes naturais e aparatos tecnológicos, menciona-se o homem ‘pós-orgânico’ (Sibilia,2002), a condição ‘pós-humana’ (Santaella,2003), em oposição a seu antecessor, ‘biológico’, e os domínios cibernético e orgânico fundem-se na palavra *cyborg*. A busca do corpo ideal tornou-se tema onipresente e multiplicaram-se na mídia publicações especializadas em ensinar a banir os efeitos do envelhecimento e a imitar os astros ricos e famosos. A marca dos tempos é o corpo ter se tornado ‘o lugar da identidade (...), a própria realidade da pessoa’ (Prost,1992:105).

O século XX assistiu a descobertas cosméticas formidáveis e à conformação de um mercado altamente rentável nas sociedades urbanas capitalistas. No Brasil, é notório que, independentemente das flutuações da macro-economia, a indústria da vaidade desconhece crise. Com especialistas

---

10 O surgimento da especialidade da traumatologia insere-se historicamente na sobrevivência possível após um trauma, além da proliferação das causas dos acidentes: edifícios altos, veículos e armas potentes’ (Peres, 2000:18).

11 Em 1954, ocorreu o oposto: a derrota de Martha Rocha para ser Miss Universo transformou-a em orgulho nacional, por simbolizar a ‘beleza natural’ da mulher brasileira, e ela gravou a marchinha que dizia: ‘Por duas polegadas a mais / passaram a baiana pra trás / Por duas polegadas a mais / e logo nos quadris / tem dó tem dó seu juiz’.

12 Sarado: forte rijo, resistente (Ferreira, 1999: 1552); corpo magro e musculoso alcançado por ginástica, malhação.

qualificados, nosso país desponta como o maior mercado de cirurgias estéticas do mundo, superando os Estados Unidos (Castro,2003:39). Tanto que Athina Onassis, uma das pessoas mais ricas do mundo, veio se submeter a uma ‘lipoescultura’ em São Paulo (Maio, 2003).

Segundo a Sociedade Brasileira de Cirurgia Plástica, cerca de 500 mil pessoas se submetem anualmente à plásticas no Brasil, numa espécie de Narciso às avessas: ao invés de adorarem seu corpo, vêem somente seus defeitos. Pôr silicone nas nádegas ou panturrilha, extrair, por lipoaspiração, gordura da cintura ou coxas, apagar do rosto os vincos dos anos, enfim, esculpir o corpo, dando-lhe contornos sonhados, à moda dos *reality shows*, virou assunto de horário nobre da televisão brasileira (Ribeiro;Zorzetto,2003).

Se os indivíduos buscam avidamente construir uma identidade que lhes sirva para sobreviver, seguindo tendências contemporâneas, o mercado da beleza segmenta-se por faixas de consumidores, segundo variáveis de classe social, gênero, geração, gosto e estilos de vida. Enquanto proliferam produtos dietéticos, tecnológicos e publicações para os insatisfeitos, surge também um filão dirigido a obesos que decidiram aceitar seus corpos como estão. Cheri Ertzman, médica norte-americana, fundou um grupo para obesos, que chama de ‘avantajados’, apontando uma perseguição da sociedade e defendendo que podem ser, quando ativos, até mais saudáveis que os magros. Conclama a reivindicarem direitos, de modo semelhante a alguns segmentos minoritários. Curiosamente, entretanto, ela ‘naturaliza’ sua condição, ilustrando uma suposta ‘essência mítica fundante’, onde uma personagem arquetípica, uma criança obesa, simboliza a fonte da vida (Ertzman,1996). A autora não menciona um conjunto de circunstâncias históricas, sociais, culturais, de estilo de vida – alimentação, ansiedade, consumismo e sedentarismo – proveniente ‘da mesma sociedade que os exclui’. Ora, além de comprovadamente insalubre, a obesidade - já considerada sinônimo de beleza e opulência – repercute na esfera emocional, pois o obeso não é aceito numa sociedade marcada pela ‘lipofobia’. Fischler observou que ‘a sociedade *cria* os obesos e não os tolera’. O presidente de um ‘grupo de defesa dos gordos’ norte-americano declarou que ‘é mais duro ser gordo do que ser negro’ (Fischler,1995:69-70). Deve-se atentar, entretanto, para a historicidade do conceito, pois ‘era preciso, sem dúvida, no passado, ser mais gordo do que hoje para ser julgado obeso e bem menos magro para ser considerado magro’ (idem:79). Durante muito tempo considerada bela, e sem os níveis de longevidade atuais, não havia conhecimento dos males da obesidade. Tanto pela saúde quanto pela estética, a busca da magreza é relativamente recente. Acerca da história da comida, Fernández-Armesto esclarece:

‘Nos primeiros sistemas humanos de classe de que temos conhecimento, a comida já representava um papel diferenciador. (...) o que importava era a *quantidade*, e não a *seleção* dos pratos ou a forma como eram preparados (...), mais importante que a *qualidade*. Um apetite gigantesco normalmente era uma fonte

de prestígio (...), em parte como sinal de força e em parte, talvez, como uma indulgência acessível apenas aos ricos. *A não ser nas regiões onde é lugar-comum, como no Ocidente moderno, a gordura é algo admirável e a grandeza cresce de acordo com o tamanho da cinta. A gulodice poderia ser um pecado, mas decerto não era um crime* (Fernández-Armesto, 2004:162).

No Ocidente, a gordura passou a ser execrada. De um lado, a preocupação com a saúde e a longevidade, oriunda das descobertas científicas que apontam os riscos da obesidade. De outro, o medo patológico da doença, do envelhecimento e da morte, a repulsa ao orgânico, priorizando-se o sintético em detrimento de tecidos vivos. Quando a magreza exagerada traz a diminuição dos seios, as mulheres neles implantam um derivado de petróleo, o silicone. Como no *cyborg*, causariam nojo as glândulas e o tecido adiposo, a serem trocados pela ‘assepsia’ de bolsas sintéticas?

‘Os gordos são vítimas, de suas glândulas, de sua hereditariedade, ou culpados, da glutoneria?’. Segundo pesquisas, na maioria das vezes, eles são percebidos como *os* responsáveis: são gordos porque comem muito e são incapazes de se controlar, recebendo um julgamento moral onde obesidade confunde-se com fracasso (Fischler, 1995:73).

É indiscutivelmente positiva para a saúde pública a difusão dos benefícios da atividade física. No entanto, a busca obsessiva e desenfreada pela boa-forma e aceitação pode ameaçar a saúde. É o que atestam os altos índices de distúrbios da imagem corporal, causadores de grande sofrimento, intimamente relacionados a valores sociais vigentes. A questão poderia se estender aos anoréxicos, bulímicos, vigoréxicos<sup>13</sup>, ‘bombados’ por anabolizantes, lipoaspirados, cirurgiados de estômago e excessivas cirurgias estéticas, dos quais não faltam exemplos de vítimas fatais. São culpados, vítimas, ou ambos? Duas faces da mesma moeda, extremos de prisma, apresentam as pressões decorrentes de um modo de estar no mundo contemporâneo.

Em um estudo publicado no periódico “*Eating Behavior*”, em 2003, a equipe coordenada por Marleen Williams, da Brigham Young University, Estados Unidos, entrevistou 28 mulheres na tentativa de compreender a influência dos meios de comunicação no desenvolvimento da anorexia. Williams sintetiza o ciclo do desejo de emagrecer, junto ao reforço da mídia de um ideal de beleza que nutre transtornos alimentares: o ponto de partida são vulnerabilidades emocionais preexistentes, frustrações e cobranças sociais, que acionam mecanismos que levam à anorexia e à bulimia. Emagrecer torna-se solução para tudo, perder peso continuamente e ter um corpo mais belo significa aceitação social e felicidade, abrindo-se caminho para a busca acrítica de receitas prontas, oriundas dos meios de comunicação – jornais, revistas e televisão – e suas soluções da moda,

---

13 ‘Depressão devida à falta de exercício ou uso de anabolizantes, doença com fortes componentes psicológicos já considerada epidemia na Europa e Estados Unidos (César Arrais, Correio Braziliense, 15/09/2002)

manuais, cirurgias e dietas, para moldar o corpo rapidamente. Seu efeito é fugaz: perde-se peso e acredita-se que as frustrações desaparecerão. Apesar do esforço, os problemas mais profundos persistem. Como resultado, afloram o fracasso, a vergonha e a culpa, ou, simplesmente, a desilusão (Williams, 2003).

Preocupados com essas patologias, uma equipe do Hospital das Clínicas da USP mapeou a insatisfação com o corpo e a busca da forma idealizada pela moda, que pode ter um sentido de proteção, de busca por amor e aceitação: 'Acredita-se que o olhar do outro só vai nos apreciar se estivermos atendendo às especificações do momento'. Entretanto, ele recorda que nem a estonteante perfeição física do deus grego Apolo lhe garantiu uma vida amorosa feliz, supondo que, talvez, isso tenha ocorrido porque o amor não esteja relacionado de maneira intrínseca às medidas de uma *Miss* Universo (Ribeiro; Zorzetto, 2003).

Embora o tratamento de 'doentes' situe-se no campo da medicina e da psicologia, isoladas, essas áreas do conhecimento não dão conta de uma compreensão abrangente do fenômeno pois, não se tratando de uma patologia da 'essência' dos indivíduos, seu vertiginoso crescimento indica um fato social. Ao contrário de absolutos e a-históricos, esses comportamentos são socialmente construídos. Disputam o sujeito, 'dono' do destino, e todos os elementos da sociedade em que as estantes oferecem estilos de vida ao consumidor voraz e sua ânsia por agarrar uma identidade que lhe 'sirva', lhe 'caia bem' - o verbo '*fit*', em inglês, demonstra a íntima relação entre a construção da identidade e do corpo, pois significa 'servir' para uma roupa e 'estar em boa forma'. Giddens afirmou que, na constituição das identidades na vida urbana, o *self* torna-se um 'projeto reflexivo', incluindo o corpo:

'Os indivíduos não podem mais se contentar com uma identidade que é simplesmente legada, herdada, ou construída em um *status* tradicional. (...) (Ela) necessita ser descoberta, construída, sustentada ativamente. (...) o corpo não é mais aceito como sina (...) Cada vez mais temos de decidir não só quem somos, e como agimos, mas como parecemos para o mundo exterior' (Giddens,1996:37).

A tarefa de construir uma identidade e um corpo envolve um alto nível de esforço físico e emocional, o que ajuda a explicar as patologias. Daí se constatar que o crescimento dos distúrbios alimentares é um índice negativo do avanço dos desenvolvimentos no âmbito da vida cotidiana. Embora ocorram com maior frequência nos países do Primeiro Mundo, elas estão se multiplicando também no Terceiro Mundo' (Giddens,1996:98). Intimamente ligado ao estilo de vida e à posição na sociedade, elemento decisivo na construção da identidade e alvo de uma sobrecarga de valores de sucesso individual, o corpo torna-se um 'capital simbólico' (Bourdieu,1974). Com o imperativo da *mise-en-scène* da aparência, não se trata mais de aceitar o corpo como ele é, mas sim de corrigi-lo, transformá-lo e reconstruí-lo (Le Breton:2002). A responsabilidade sobre a aparência recai sobre

o indivíduo, e como poderia ser diferente, se é o que se dá em todas as outras esferas da vida? Não seria a ponta de um *iceberg*, iniciado com o advento do indivíduo, processo que vem alcançando os extremos da solidão e marcando no corpo, ‘ferrenhamente’<sup>14</sup>, seu território último?

Cientistas sociais apontam uma ligação entre a ‘corpocratia’ e a ética protestante, estudada por Weber em sua análise sobre o ‘espírito do capitalismo’ e questionam a aparente ‘liberação’ de costumes, ao demonstrar continuidade ou sofisticação de antigos tabus. Tão reprimido - pela Igreja medieval, pelo moralismo burguês, e pela ética puritana - hoje o corpo seria sobrecarregado por cuidados excessivos. Não só pode, como *deve* ser exibido. Porém, desde que ‘maravilhoso’, numa forma inédita de opressão. Tendo deixado de simbolizar o pecado, hoje o corpo conquistou ‘um lugar de destaque tanto para ser finalmente valorizado como para ser mais amplamente explorado’ (Sant’Anna,2000:35), tornando-se um alvo lucrativo da sociedade de consumo. Sob a obsessão da vaidade, a festejada idéia da liberação do corpo é ilusória, pois convive com a submissão à aprovação externa e aos ditames da moda. O imperativo da beleza e da juventude deixou de ser um privilégio e estendeu-se por praticamente toda a população: na ‘sociedade do espetáculo’ (Debord,1997), a vida transformou-se num constante ‘posar para as câmeras’.

## MERGULHO NO ONTEM

Foi descrito anteriormente o ‘corpo hoje’, porém, de fato, não se tem notícia de uma coletividade humana em que não se desse importância ao corpo. Apontamos o aumento das cirurgias estéticas, dos distúrbios da imagem corporal, buscando o sentido da cultura somática, que hoje se manifesta de modo sem precedentes na relação entre indivíduo e sociedade. Ao longo da História, acumularam-se conhecimentos acerca de beleza, saúde, e o movimento corporal sempre esteve presente nos rituais coletivos. No entanto, o modo como se cuida da saúde, com alta carga de responsabilidade sobre o indivíduo, e o padrão de beleza baseado no ideal de magreza e força, como se concebem hoje, possuem origens num modo de vida que começa a se instaurar a partir do advento do capitalismo e da sociedade industrial. Para apreender seu cerne e compreender porque se configuraram desta forma, propomos um mergulho no tempo, partindo do pressuposto de que a configuração das subjetividades contemporâneas em relação à questão do corpo possui uma historicidade. Sob certo aspecto, o conceito de exercício físico, sobre bases pragmáticas e científicas, presente nas academias de ginástica atuais, está relacionado à adequação dos indivíduos a um sistema que deles exige a máxima produtividade. É relatada aqui a História recente das práticas de atividade física nos moldes atuais, desde seu surgimento, até sua proliferação, no Ocidente e no Brasil.

---

14 A musculação é apelidada de ‘puxar ferro’. O cartaz de uma academia traz os seguintes dizeres: ‘Doctors say women need iron. We agree’.

A idéia de assepsia impregna fortemente um certo conceito de atividade física baseada no exercício. Na virada dos séculos XIX/XX, o exercício passa a ser preconizado pelo saber médico e pelos modelos vigentes de corpo ideal. Essa concepção foi influenciada por um conjunto de técnicas, aplicadas em instituições de confinamento do tecido social dos Estados-Nação: escolas, fábricas, hospitais, prisões, casernas. Técnicas oriundas do saber militar foram apropriadas pelas sociedades industriais, as quais ‘desenvolveram toda uma série de dispositivos destinados a moldar os corpos e as subjetividades de seus cidadãos’ (Sibilia,2002:31).

O paradigma da ciência cartesiana, muito antes do advento das sociedades industriais, já havia levado à elaboração de inúmeras técnicas de correção, baseadas na crença de um corpo modificável. Até o século XIX, mantinha-se, entre as mães, a prática de tentar ‘moldar’ o crânio dos bebês, assim como a postura das filhas jovens, por meio de aparelhos terríveis para manter o dorso rígido e aprimorar seus ‘dotes estéticos’ (Corbin, 1999:607), na esperança de se conseguir um ‘*bom* matrimônio’. A partir de um certo momento, contudo, o termo ‘moldar’, visando a aparência, deixou se ser o mais apropriado: à medida que os mecanismos do poder penetram nas entranhas da subjetividade, passam a constituir a própria dinâmica que motiva as ações. As correções aos corpos podem ser classificadas em duas etapas nitidamente distintas, baseando-se, respectivamente, em dois modelos teóricos da física específicos: até a primeira metade do século XIX, o da mecânica, e daí em diante, o da termodinâmica. Ao se passar a compreender o corpo não mais somente como um sistema de forças, e sim como um motor, nasce a idéia de que ‘o importante não é mais moldá-lo, mas sim, adestrá-lo’ (Corbin,1999:609).

A subsequente renovação da ortopedia atesta essa mudança, de maneira que aparelhos rígidos para remodelar o corpo tendem a ser substituídos por máquinas que canalizam o exercício e facilitam o treinamento, originadas lado-a-lado com ‘uma ginástica educativa ou corretiva baseada numa gama de movimentos fragmentados’ (Corbin,1999:608). Por volta do final do século XIX, com o objetivo de conferir ao corpo sua máxima potência, a indicação desses exercícios, cuja origem remonta as atividades militares, extrapolou esse domínio. Afinados com a pedagogia da época, condenando as atitudes indolentes que não combinavam com as necessidades da fábrica e da escola, tornam-se presentes em todas as ordens coletivas. Frases imperativas traduziam uma ginástica que preconizava a retidão da postura: ‘Endireite-se!’; ‘Barriga pra dentro!’ (ibidem:608). A disseminação dessas práticas evidencia que o tempo livre passou a ser também objeto de uma disciplina imposta. Da metade do século XIX em diante, com a urbanização e industrialização crescentes, os modos de vida exibem a transformação das formas de controle do corpo, concomitante à secularização progressiva das práticas religiosas.

corpo, estreitamente subordinados às necessidades sócio-econômicas'. Na escola e na família, combatem-se as posturas lânguidas e indolentes que revelavam ociosidade. Segundo Vigarello, 'na fábrica, como na escola, o tempo livre e a diversidade de posturas desaparecem aos poucos, sob influência de uma sábia normatização das disciplinas somáticas que enfatiza os benefícios das 'fadigas reforçativas' (Corbin,1999:611).

Na França, a ginástica converteu-se em dever nacional, traduzida nos batalhões escolares e na multiplicação dos circuitos de pedestres. Uma confluência entre ginástica e atividades lúdicas aristocráticas, à maneira dos *games* ingleses, delineia o que veio a ser chamado de 'esporte'. O esporte moderno desenvolveu-se a partir do século XVIII, intimamente relacionado à sociedade capitalista inglesa. Fundamentava-se numa junção entre a maneira de usufruir o tempo livre das classes dominantes e os jogos populares, traduzida no conceito de *games*. Seu desenvolvimento e expansão tiveram como pano de fundo o processo de modernização dos séculos XIX e XX, tendo incorporado muitos elementos da sociedade capitalista industrial: o rendimento, a competição, a cientificização do treinamento, a organização burocrática, a especialização e, finalmente, o nacionalismo, crucial para a expansão do esporte com o movimento olímpico. Este tipo de prática corporal expandiu-se para todo o continente europeu, durante o século XIX e, ao longo do século XX, transformou-se no conteúdo hegemônico da cultura do movimento corporal a nível mundial (Bracht, 1997).

O esporte baseava-se na perseguição do resultado e exaltava a figura do campeão. Atuando sobre o comportamento, sua prática favorecia e atestava o *self-government* do indivíduo, características do perfil empreendedor – e vencedor! - dos primórdios do capitalismo, sintetizado na figura do 'ascético' protestante.

Ao longo do século XX, a preocupação com o corpo cresceu, nos domínios do asseio, dietética e cultura física. O interesse e a descoberta crescentes do corpo fundamentam-se no 'desejo de um tempo para si, que acabou assumindo, pouco a pouco, a figura de um tempo para o corpo' (Travaillot,1998:10). Em 1940, a ginástica passa a fazer parte da temática das revistas femininas. O grande estímulo para que todos começassem a praticá-la adveio do momento em que, com a difusão dos trajes de banho, os corpos passaram a ser mostrados. Esta mudança no comportamento e nos estilos de vida tem origem nas transformações ocorridas na Europa e Ocidente, a partir de 1960. Com o maior acesso às férias e ao tempo livre, surge, em especial, no verão, um movimento massivo de viagens para as praias e explosão do *camping* (Travaillot,1998:17), ao que os sociólogos se referem como o advento de uma 'civilização do lazer'.

Desencadeia-se um aumento do consumo, guiado pelo desejo de elevar a qualidade de vida e

adquirir os signos da modernidade. Multiplicando-se as ocasiões de mostrar o corpo, o modelo jovem e magro passa a influenciar os novos cânones da beleza. À forte demanda por saúde, soma-se a preocupação com a conformidade aos códigos estéticos vigentes. A publicidade consagra ao corpo um espaço cada vez maior. Fotos sugestivas anunciando produtos, nas revistas, cinema e televisão, levam à uniformização da aparência corporal. Desenha-se um esboço de mulher reconciliada com seu corpo em conformidade com o ideal de beleza que eles ajudaram a fabricar. Encarnado pelas estrelas de cinema e manequins, esse ideal é ‘bombardeado’ incessantemente pela mídia, tendendo a homogeneizar o comportamento.

Desde os anos 1970, Twiggy<sup>15</sup>, a longilínea e grácil modelo com formas infantis e perfil anoréxico, deu à magreza proporções jamais atingidas. Um cânone tende a se impor sobre as mulheres, baseado num imperativo central: todas, mesmo as que não apresentam nenhum excesso de peso, desejam emagrecer, tornando-se este um objetivo drástico, e o corpo magro uma espécie de fantasma altamente desejado (Travaillot,1998:58).

A aparência do corpo transforma-se numa preocupação crescente para os que dispensam tempo e dinheiro em seu cotidiano para se aproximar do modelo de sedução em vigor. Em 1967, Guy Debord cunha a expressão ‘sociedade do espetáculo’. Ele aborda a submissão do imaginário social ao império da mídia, definindo o espetáculo como ‘o momento em que a mercadoria ocupou totalmente a vida social e que a aparência fetichista de suas relações esconde seu caráter de relação entre homens e classes’ (Debord,1997:30).

Tornando-se a juventude estilo e exigência para todos, homens e mulheres não mais se permitiriam envelhecer, lançando-se numa corrida desvairada contra o tempo. Todos passam a se identificar com os jovens, nas atitudes, nos comportamentos, no consumo, e, em especial, na aparência. Os cosméticos e alimentação são colocados a serviço desse modelo, surgindo assim o mercado de produtos dietéticos (Travaillot,1998:23). Na associação entre longevidade e um corpo magro e esbelto reside o triunfo do modelo da juventude: como nunca, ‘o mito de Fausto passou a reinar em seu domínio’ (Descamps,1986:180).

Edgar Morin descreveu uma nova ‘cultura jovem’, em que os adolescentes tornam-se um microcosmo da sociedade, contendo os valores da civilização em desenvolvimento: o consumo, o gozo, e trazendo também a essa civilização seu valor próprio: a juventude (Travaillot,1998:17). Vandenberghe considera a juventude um objeto privilegiado para se estudar as teorias de mudança social na modernidade tardia. Como os processos de globalização, modernização reflexiva e individualização transformaram fundamentalmente os contornos das sociedades modernas, espera-

---

15 Seu apelido originou-se de seu perfil magérrimo, já que ‘twig’ quer dizer ‘galho’, ‘varinha’.

se que os jovens encarnem evidências das mudanças. Não somente em termos biológicos ou psicológicos, a juventude pode ser definida como categoria social, relacionada a instituições tais como educação, mercado de trabalho e família (Vandenberghe, 1999:15).

Haug atribuiu a desvalorização a que foram submetidos os mais velhos a partir de 1920, à sua dificuldade em acompanhar o surto de inovação tecnológica. Passar dos trinta anos tornou-se uma maldição, segundo o relato daquela época de um homem de 32 anos, pai de dois filhos e desempregado: ‘O futuro me parece sem perspectivas e desesperador. O melhor seria morrer logo’ (Haug,1997:122-3). Uma experiência pela qual milhões de pessoas passaram contribuiu para consolidar em toda a sociedade a valorização do jovem, cujo brilho, no capitalismo, alimenta-se dos pavores secretos da velhice:

‘Se as pessoas não podem lançar o olhar para um fim significativo, tira-se delas também o fim mais extremo, a morte. Sua vida, que para ser vida deveria ser confrontada com a morte, empaca e retorna aos seus primórdios, à juventude. Ela, que dá origem à vida, torna-se a sua realização pervertida, porque a realização autêntica é tolhida’ (idem:123).

Velhice e morte tornam-se terríveis, pois ter vivido e trabalhado jamais significará ter realizado uma obra que preenche a vida. Ante a rejeição da velhice, Haug aponta a oferta de artigos que proporcionam a aparência e o encanto juvenil, a serviço da estética da mercadoria, a qual entende-se não somente produtos, mas uma gama de serviços e modos de vida (idem:124-5). Sob a égide da cultura jovem, em busca de rejuvenescimento e longevidade, entre 1960 e 70, as atividades físicas e desportivas passaram por uma importante expansão. São ampliados o interesse e os espaços para a prática de esportes e dissemina-se a prática de exercícios que visam cuidar do corpo sob a ótica da saúde e da boa-forma, em especial entre as mulheres (Travaillot,1998:29-30). Embora no início estivesse mais presente entre mulheres e classes privilegiadas, hoje, a preocupação com o corpo expandiu-se significativamente entre os homens e em todas as camadas sociais.

Por volta de 1967, surgiram, na Noruega, o movimento Esporte para Todos e campanhas com o objetivo de unir o esporte à publicidade e à mídia, a fim de expandir a prática de atividade física. A idéia era ‘transformar sedentários em praticantes’. Essas campanhas difundiram-se internacionalmente, tendo chegado ao Brasil, visando os aspectos sociais, culturais da prática de uma atividade física permanente, sem que essa exigisse consigo as pressões características do esporte competitivo (Pereira,1996:17-8). Na França, práticas físicas regulares começam a se estabelecer por volta da década de 1970, com o surgimento de academias de dança, ginástica e a difusão do *jogging* nas áreas públicas (Prost,1992:100). Com número crescente de adeptos, ‘todas as manhãs, as calçadas das cidades tornam-se repletas de *joggers*’. Rompendo com os usos sociais anteriores, numa nova modalidade da prática ancestral de andar a pé, o *jogging* inverte o mundo

atletico tradicional, ao trazer valores como o prazer, a não-competição, a abertura a todos, em busca de um estilo livre e de saúde (Travaillot,1998:51-2). No final dos anos 1960, era uma prática subversiva, ‘livre dos estádios cinzentos e do espírito competitivo, lançada pelos bosques e jardins das cidades, (...) que incomodava pela sua própria existência’. Filha do sedentarismo dos empregos do setor terciário e de um desenvolvimento urbano nocivo ao corpo e ao espírito, a corrida ou marcha a pé, como a caça, situa-se no cruzamento entre as práticas de esporte e de jogo, de modo que esta paixão coletiva pode ser considerada uma espécie de ritualização contemporânea, comparável à caça, à tauromaquia e ao futebol (Segalen,1998:61).

O cuidado com o corpo mudou de estatuto, à medida que o prazer une-se à higiene, passando a ser, não somente legítimo, como necessário. ‘Ser esportista se converte em dever, para quem quiser ficar em sintonia com seu tempo: já não é mais uma questão de gosto pessoal’ (Prost,1992:102). Além da expansão do número de praticantes, roupas ‘esportivas’ passaram a ser usadas na rua ou no escritório. A novidade do final do século XX é a generalização de atividades físicas que têm como fim o próprio corpo: sua aparência, seu bem-estar, sua realização. ‘Sentir-se bem na própria pele’ torna-se um ideal (Prost,1992:102).

Aulas de ginástica começaram a se organizar, no início, fundamentadas na ginástica sueca, uma série de exercícios analíticos que trabalham partes do corpo, uma após a outra. O rádio e a televisão passam a transmitir aulas de ginástica, estimulando sua prática. Estabelece-se uma Educação Física com vocação sanitária, que tinha como objetivo melhorar a saúde, sem conotação competitiva. A Ginástica Voluntária consistiu num movimento de grande respeitabilidade na França dos anos 1960, propondo exercícios voltados para homens e mulheres adultos, com o objetivo de conservar a saúde de quem não praticasse algum esporte (Travaillot,1998:29-30). As primeiras academias de ginástica, locais de referência de atividade física, originaram-se nos grandes centros urbanos, onde o crescimento demográfico e a preocupação com segurança fizeram com que os parques públicos e as calçadas passassem a não se adequar às necessidades dos praticantes. Essa ginástica fundamenta-se na calistenia, em que todos executam o movimento no mesmo ritmo. Quando passou a ocorrer dentro de um ambiente fechado, introduziu-se a música a fim de aumentar a motivação (Pereira,1996:17). Na França, foram inauguradas as primeiras academias segundo uma lógica do mercado e uma importação explícita de valores dos Estados Unidos. Propunham uma ginástica ‘revolucionária’, diferente da sueca, em voga até então. O público principal desses centros constituía-se de executivos, e suas mulheres, mais próximos dos acontecimentos do outro lado do Atlântico<sup>16</sup> (Travaillot,1998:33).

---

16 Um artigo do ‘L’Express’, jornal de executivos, relatou o surgimento dessas academias, nos anos 1960 onde ‘você se sente em plena América’ (Travaillot,1998:33).

Quando surgiram, na década de 1970, as primeiras academias do Brasil eram pequenos protótipos dos clubes desportivos. Instaladas em casas ou sobrelojas com apenas uma, de que o professor costumava ser o proprietário, seus poucos alunos recebiam um atendimento quase personalizado. Na década de 1980, os métodos aeróbicos - criados pelo Dr.Cooper para a Força Aérea Americana (origem da expressão ‘fazer *cooper*’), desenvolvidos por Sorensen, Jacobson e Jane Fonda – expandem-se para a Europa e Brasil. Apesar de poucas inovações técnicas do movimento, passam a se preocupar com aspectos fisiológicos, biomecânicos e didáticos até então inexplorados, além do clima alegre e descontraído proporcionado pela música. A partir daí, esses exercícios despertaram a atenção dos professores de Educação Física e de empresários que enxergaram aí um filão lucrativo. Surgem as grandes academias, empresas com altos planejamento administrativo e investimento em criação e em *marketing*<sup>17</sup>, espaço amplo e novidades, onde a indústria do *fitness* encontrou um excelente ponto de venda para produtos como roupas, tênis, artigos, suplementos alimentares, aparelhos, CDs, vídeos. A ginástica aeróbica elevou o afluxo de pessoas para as academias, mas estas oferecem hoje aos alunos um leque de programas afinados com o gosto e estilos de vida para públicos variados: musculação, ginástica localizada, alongamento, step, dança, artes marciais, esportes diversos, natação e hidrogenástica, fit ball, Pilates, até yoga.

A partir dos anos 1980, o termo ‘*malhação*’, ginástica com finalidade de modelar o corpo, passou a ser amplamente difundido no Brasil. Novelas, modismos alimentares, de vestuário e um programa de televisão vespertino com esse título que vai ao ar até hoje, atestaram a mudança de costumes e a explosão dos cuidados com o corpo e a saúde, assim como canções da música brasileira, como ‘Estrelar’, de Marcos Valle, cujo trecho é título deste artigo. Além das aulas em grupo, os aparelhos de musculação tornaram-se peças indispensáveis das academias: com origem no halterofilismo, as máquinas foram fixadas às paredes, garantindo maior segurança no manejo de pesos de ferro (Descamps,1986:148), e evoluíram até os aparelhos atuais, com *design* elegante, **ERGONÔMICO E SISTEMA COMPUTADORIZADO.**

### **ONDE FICA O PRAZER...?**

Embora tenhamos enfatizado e descrito um tipo de exercício pragmático, originário de uma visão militar, este não é a única possibilidade de atividade corporal, pois, desde a virada dos séculos XIX para o XX, o corpo florescia sob outra perspectiva. Uma ‘medicina natural’ viria preconizar os passeios pelo campo, pela montanha, de bicicleta. Aos poucos, as práticas ultrapassaram a prescrição médica, visando não somente corrigir, exercitar ou curar, mas simplesmente usufruir o

---

17 Essa mudança não se estende a *todas* as academias. Padrões antigos e novos coexistem na atualidade, em diferentes segmentos sócio-econômicos de seus públicos.

bem-estar da liberdade do corpo. Ao ‘dançar como bem quisesse’<sup>18</sup>, Isadora Duncan revolucionou as concepções de corpo no início do século XX, simbolizando ‘uma gama de gestos e posturas que permitia experimentar melhor um corpo que deixava de ser percebido como exterior à pessoa’. A procura do bem-estar corporal estaria ligada ‘às novas demandas psicológicas e à erotização do casal’, de modo que a sinestesia, conjunto difuso de sensações orgânicas, deixaria de se basear apenas na escuta das disfunções, passando a prestar atenção também no prazer e no bem-estar (Corbin,1999:611).

Considerando que a descoberta do corpo ocorreu sob a égide da boa-forma, o conceito de exercício conforme descrito, possui um caráter impositório. Por outro lado, comparado às cirurgias, dietas, intervenções variadas, o movimento sempre foi e ainda é a prática corporal mais democrática de todas. Além disso, nem todos os ecos da reivindicação de prazer e liberdade, seja na virada dos séculos XIX para o XX, seja nos anos 1960-70, foram silenciados. A expansão de práticas corporais não-convencionais, que recusam o movimento mecânico, buscando a sutileza das sensações e a consciência do movimento, seguiu um caminho paralelo, conquistando muitos adeptos e influenciando a dança contemporânea. Amir Haddad refere-se às décadas de 1960 e 70, em que o corpo teria deixado de ser um tabu e quando se começou mesmo a falar dele:

‘A chamada revolução sexual e todos esses acontecimentos (...) foram tão importantes porque liberaram o corpo das pessoas. Os corpos se liberaram e as pessoas passaram a entrar em contato mais profundamente com isso. Ficou até uma certa mística do corpo, um excesso de construção do corpo, excesso de atenção que até hoje se vê nas academias, essas coisas todas. (...) (referindo-se ao trabalho de Klauss e Angel Vianna) Muito além da dança, muito além da coreografia, muito além do baile. (Eles) estavam pensando o corpo como parte integrante do cidadão, com possibilidade de afirmação e dedicação, tirando os preconceitos todos que a carne sofria. Era como se eles quisessem abolir o pecado da carne. O mundo inteiro pensava assim e eles eram um tratamento de vanguarda, sempre foram’ (Ramos,2005:234)

Obviamente, contar repetições, visando uma boa-forma enquanto uma finalidade distante a ser alcançada é diferente de experimentar o prazer no próprio ato de sua realização presente, comparável à diferença entre ‘decorar’ a matéria para prova e se deliciar com uma leitura. Entretanto, a maneira como o movimento é proposto, nas práticas de consciência corporal, presta-se a qualquer outra atividade física, pois, neste caso, não importa ‘o quanto’ ou ‘o quê’ fazer, mas sim, a qualidade, ou ‘como’ fazer. O genial Klauss Vianna costumava afirmar que, desde que executada conscientemente, a musculação fazia muito bem.

Longe de esgotar este tema vasto e tão em voga, a proposta foi lançar aqui inquietações e

---

18 *‘Dance, dance, dance / faça como Isadora / que ficou na História / por dançar como bem quisesse’. ‘Dançar para não dançar’, de Rita Lee e Mutantes (1975):*

estimular a reflexão nestes tempos de Rio de Janeiro pré Copa do Mundo e Jogos Olímpicos, a fim de apresentar outras possibilidades de experimentar o corpo e o movimento que não somente a dos vencedores, almejando uma sociedade com espaço para todos os gostos e movimentos.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BIRMAN, J. *in* MENEGAT, M. (prefácio) **Depois do fim do mundo**. A crise da modernidade e a barbárie. Rio de Janeiro: Relume Dumará/FAPERJ, 2003.

BOURDIEU, P. **La Distinction**. Critique social du jugement. Pris: les éditions de minuit, 1979;

BRACHT, V. **Sociologia Crítica do Esporte: uma introdução**. Vitória, UFES, Centro de Educação Física e Desportos, 1997;

CASTRO, A L. **Culto ao corpo e sociedade**. Mídia, estilos de vida e cultura de consumo. São Paulo: Annablume/FAPESP, 2003;

CORBIN, A. *in* ARIÈS, P. DUBY, G. **História da Vida Privada**. Da Revolução Francesa à Segunda Guerra. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

DEBORD, G. **A sociedade do espetáculo**, Rio de Janeiro, 1997.

DESCAMPS, M-A. **L`invention du corps**. Paris: PUF, 1986

ERTDMAN, C. K. **Nada a perder**. Rio de Janeiro: Summus, 1996.

FERNÁNDEZ-ARMESTO, F. **Comida**. Uma história. Rio de Janeiro: Record, 2004.

FISCHLER, C. *in* SANT`ANNA, D. B. **Políticas do Corpo**. São Paulo: Estação Liberdade, 1995.

GIDDENS, A. **As consequências da modernidade**. O futuro da política radical. São Paulo: UNESP, 1996

HAUG, W.F. **Crítica da Estética da Mercadoria**. São Paulo: UNESP, 1997.

FOUCAULT, M. História da Sexualidade. V. 1. o uso dos prazeres. Rio de Janeiro: Graal, 1985.

FOUCAULT, M. Vigiar e Punir. Vozes: Petrópolis, 1986.

JANA, J. E. A. **Para uma teoria do corpo humano**. Lisboa: Instituto Piaget, 1995.

LE BRETON, D. **Anthropologie du corps et modernité**. Paris: PUF, 1990.e Breton:2002

LE BRETON. **Adeus ao Corpo**. Antropologia e sociedade. Campinas: Papiros, 2003.

LÉVINE, E. TOUBOUL, P. **Le corps**. Textes choisis et présentés. Paris: Flammarion, 2002.

MAIO, M. Quando fazer lipoescultura: □ Para se candidatar à cirurgia plástica mais realizada no mundo, deve-se estar ciente de seus reais resultados estéticos. **Isto é Gente**. São Paulo. Edição 190.

MAUSS, M. **As Técnicas Corporais. Sociologia e Antropologia.** São Paulo: Editora Pedagógica e Universitária. Editora da USP, 1974.

PEREIRA, M.M.F. **Academia: estrutura técnica e administrativa.** Rio de Janeiro: Sprint, 1996.

PERES, M. S. **Corpos em Obras: um olhar sobre as práticas corporais em Brasília.** Tese de Doutorado. Departamento de Sociologia. Instituto de Ciências Sociais. Universidade de Brasília, 2005.

PROST, A VINCENT, G. **História da Vida Privada.** Da Primeira Guerra a nossos dias. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

RAMOS, Enamar. **Angel Vianna: a pedagoga do corpo.** São Paulo: Summus, 2007.

RIBEIRO, M. ZORZETTO, R. O avesso de narciso: mais comum entre jovens, a preocupação excessiva com o corpo pode levar à bulimia e à anorexia. Pesquisa FAPESP. São Paulo. Edição 103. p. 38-9. 09/2004.

RODRIGUES, J.C. **O corpo na História.** Rio de Janeiro: Fiocruz, 1999.

SANTAELLA, L. **Culturas e Artes do pós-humano.** Da cultura das mídias à cibercultura. São Paulo: Paulus, 2003.

SARAMAGO. J. **O conto da Ilha Desconhecida.** São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

SEGALEN, M. **Rites et rituels contemporains.** Paris: Nathan, 1998.

SIBILIA, P. **O Homem Pós-Orgânico.** Corpo, subjetividade e tecnologia digitais. Conexões. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2002.

TEIXEIRA, L. **Conscientização do movimento: uma prática corporal.** São Paulo: Caioá, 1998.

TRAVAILLOT, Y. **Sociologie des pratiques d'entretien du corps.** Paris: PUF, 1998.

VANDENBERGHE, F. **Globalisation and Individualisation.** A theoretical introduction to the sociology youth. Academia. Edu (site). 1999.

VEIGA, G. **Teatro e Teoria na Grécia Antiga.** Brasília: Thesaurus, 1999.

VILAÇA, N. GÓES, F. KOSOVSKI, L. **Que corpo é esse?** Novas perspectivas. Rio de Janeiro: Mauad, 1999.

WILLIAMS, M. THOMSEN, S. R. MC COY, K. Looking for an accurate mirror: A model for the relationship between media use and anorexia. **Eating Behaviours.** 2003;4(2):127-134.

**Contatos dos Autores:**

[martasperes@gmail.com](mailto:martasperes@gmail.com)

**Data de Submissão:**

**20/09/2011**

**Data de Aprovação:**

**02/12/2011**